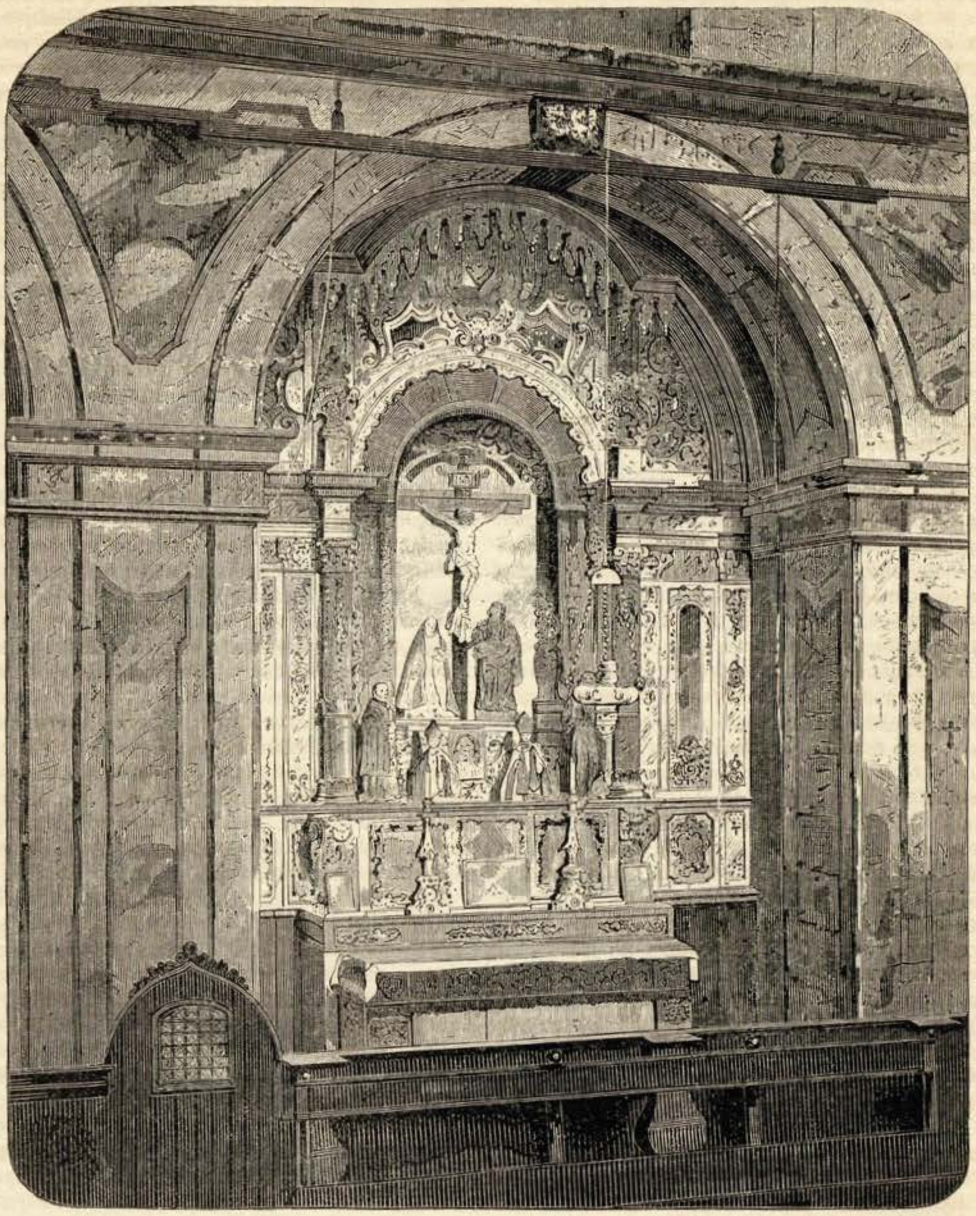


Capella do Calvario, na egreja do Carmo, em Evora

No anno de 1531 veiu a Evora D. Fr. Balthazar Limpo a tratar negocios ecclesiasticos com D. João III. Lamentaram juntamente o devoto monarcha, introductor dos jesuitas e da inquisição, e o solicito frade, que tanto o havia de auxiliar depois n'aquella ultima empreza, que n'uma cidade dedicada por extremo á Virgem Nossa Senhora não tivessem uma só casa os carmelitas.

Cingia por esse tempo a mitra eborense o cardeal infante D. Henrique, filho del-rei D. Manuel. Associou-se o bispo a seu irmão D. João III e a D. Fr. Balthazar Limpo, e, todos de commum accordo, cuidaram de preencher a falta que tamanha se lhes afigurava.

O reformador apostolico da ordem do Carmo em Portugal só pretendia em principio que el-rei lhe permittisse a fundação de um hospicio onde se albergasse e os seus companheiros em quanto houvesse de residir em Evora para desempenhar junto da corte as suas funcções. Pareceu pequeno o desejo á grande piedade del-rei, que em vez de um hospicio determinou que se fundasse um convento. Para este fim concedeu o bispo de Evora a ermida de S. Thomé, proxima da porta da Alagôa, da banda de fóra da muralha; deu o senado o terreno adjacente para a fabrica e cêrca do convento; e um eborense de grande fazenda e não menor devoção, Ruy Dias Cotrim, enriqueceu com todos os seus bens a nova ordem, por doação que lhe fez aos 24 de outubro de 1532.

Habitaram pacificamente os religiosos o convento até ao anno de 1663, em que serviu de reducto ao terço do Algarve, commandado pelo mestre de campo Manuel de Sousa, na defesa que por alguns dias offereceu a cidade de Evora ao exercito castelhano. Tendo, porém, esta de ceder á força dos sitiantes e rivalidades dos sitiados, arruinou D. João d'Austria o convento em que mui valorosamente lhe haviam resistido.

Recolheram-se os frades a umas casas que tinham na praça do Peixe, e lá se conservaram até ao anno de 1666, em que D. Affonso VI lhes cedeu o palacio dos duques de Bragança, pouco distante da porta de

Moura. Aqui deram principio, a 6 de janeiro de 1670, á nova egreja, cuja fabrica durou até ao anno de 1691, data que vimos esculpida ou pintada n'uma porta do côro.

A egreja é clara, espaçosa e de simplicissima architectura. Como outras da mesma epocha, patenteia a influencia dos jesuitas, cujos templo e sala dos actos serviram de modelos aos architectos de Evora no seculo XVII. A decadencia da arte, que progredia então rapidamente, já trazia a sua origem meiado o seculo anterior, como se vê nos enfezados productos da introducção do estilo classico em Evora. Todavia, n'estas ultimas construcções abundam ainda os marmores e granitos que os architectos vieram depois a substituir pelas obras mesquinhas de pura alvenaria.

O portal é a unica parte do templo digna de exame. Consta de duas grandes columnas espiraes, ou salomonicas, feitas de granito, e continuadas elegante e naturalmente em cima, em ordem a formarem a volta do arco, com os troncos e nós emblematicos da casa de Bragança. Vê-se bem que esta construcção não é contemporanea da egreja, mas muito mais antiga. Talvez, como diz o padre Fialho, servisse de entrada aos paços antes de a aproveitarem os frades para o templo que edificaram. Não podêmos determinar com certeza se o portal foi ou não construido no reinado de D. Sebastião, isto é, na epocha em que parece que se começaram a usar em Portugal as columnas d'aquelle genero [1].

A gravura representa uma capella lateral da egreja do Carmo. O retabulo, muito simples e assaz elegante, melhor pareceria se não estivesse pintado de côres várias, que mal se combinam com o doirado dos ornatos.

Os retabulos das capellas do cruzeiro são maiores e de mais delicado lavor, particularmente o do altar do Sacramento, que está do lado da Epistola. Ambos de talha doirada, assimilham-se muito a um ou mais altares da Cartuxa, em que tambem se vêem grandes columnas espiraes com parras enroscadas.

A esculptura em madeira não acompanhou a architectura em sua progressiva decadencia. É magnifica a obra de talha do côro da sé, feita no seculo XVI, e até ao fim do seculo passado não faltaram artistas que deixassem pelas numerosas egrejas dos conventos de Evora trabalhos de grande merito.

A. Filippe Simões.

[1] Vid. pag. 378 do vol. IX.

DUAS PALAVRAS ÁCERCA DO ECLECTISMO EM PHILOSOPHIA

Victor Cousin, que ha pouco falleceu em França, disse em um dos seus escriptos philosophicos:

«As doutrinas exclusivas são na philosophia o mesmo que os partidos na politica. Por minha parte devo dizer o seguinte: Ha já muito tempo que, depois de haver estudado e percorrido mais de uma eschola, diligenciando apreciar bem o attractivo que cada uma d'ellas tinha por seu turno para commigo, cheguei a descobrir que a auctoridade dos differentes systemas provinha de que todos tem effectivamente alguma coisa de verdadeiro e de bom; de sorte que a final suspeitei que não eram elles tão radicalmente inimigos uns dos outros como o allegam e pretendem ser.»

Estas palavras do insigne historiador critico da philosophia dão uma clara idéa do eclectismo, ao passo que revelam uma preferencia pessoal de Cousin no que respeita a systemas de philosophia.

Vejamos, porém, se conseguimos formar um conceito mais positivo do eclectismo, a fim de que esta expressão apresente ao espirito mais definidos traços.

A palavra *eclectismo* vem do grego *eklego*, composto de duas palavras: *ek*, preposição que marca divisão, separação, exclusão, preferencia, preeminencia; e *lego*, escolher, colher, reunir; vindo assim a dizer tanto como: escolher entre opiniões diversas. D'esta sorte, eclectismo em philosophia, ou philosophia eclectica, é a escolha, nos diversos systemas philosophicos, do que parece verdadeiro, e rejeição do restante.

É obvio que o eclectismo presuppõe o conhecimento historico da philosophia, independentemente da superioridade do espirito, indispensavel para bem apreciar os diversos systemas, e para fazer uma escolha reflectida do que n'elles póde haver de verdadeiro e de bom.

Será, porém, necessaria uma historia especial da philosophia, ou bastará a historia exterior ou dos factos em geral? Terá a historia da philosophia uma importancia real? Será acaso de alguma conveniencia para a humanidade?

A estas perguntas vamos responder com as judiciosas ponderações de um escriptor philosopho de bom nome:

«Se interessa saber o que fez Alexandre, quem ousaria dizer que é de pouco preço o conhecimento do que Aristoteles pensou? É certo que os acontecimentos exteriores tem um fulgor que a todos os olhos agrada; mas para as pessoas que prezam o pensamento, qual maior successo existe do que uma idéa grande, do que uma penetração original da natureza das coisas? E se as causas da grandeza e da decadencia de um povo merecem o estudo attento dos maiores espiritos, que poderá dizer-se de uma philosophia, da sua origem, dos seus progressos, da sua quéda? E note-se que os homens perecem; as philosophias, porém, não acabam.» (M. Paul Janet — *Histoire de la philosophie et l'éclectisme*).

Estas elevadas ponderações de M. Paul Janet, do instituto de França, são a mais convincente demonstração da *legitimidade* (digamol-o assim) e dos *uteis* da historia da philosophia.

Ainda mais. Se bem reflectirmos, a historia exterior, ou dos factos em geral, e a da philosophia, ligam-se estreitamente; a ultima é uma parte integrante, ou, para melhor dizer, complementar da outra. O interesse que uma nos inspira não póde, em boa razão, desviar-nos da outra.

«É permittido á philosophia, diz o mesmo sr. Janet, questionar sobre quaes são os systemas verdadeiros ou falsos; mas, abstrahindo d'isso, é certo que os systemas subsistem como factos, nos quaes se manifestam as leis do desenvolvimento intellectual da humanidade, mais decididamente do que na historia exterior, e até do que na historia das letras e das artes. A historia da philosophia lança grande luz sobre as proprias leis do espirito humano. Pelas suas relações com os phenomenos da civilisação, isto é, com as leis, com os cultos, com as bellas artes, vae prender com os outros ramos da historia. Pelas suas doutrinas moraes e politicas, é a philosophia a expressão, ou por vezes a antecipação e o presentimento das grandes epochas historicas; resume ou prepara as revoluções, o que ainda mais torna interessante a historia da philosophia.»

Posto isto, vem a proposito perguntar, se effectivamente ha sido escripta a historia da philosophia, ou antes, se n'este ramo de conhecimento tem apparecido algumas obras notaveis.

Afóra os trabalhos da antiguidade e os commentarios sobre elles, vejo recommendadas pelos auctores do *Manual de philosophia* as seguintes obras: *Historia critica philosophiæ a mundi incunabulis*, etc., de Brucker; *L'esprit de la philosophie spéculative, depuis Thalès jusqu'à Berkeley*, de Tiedemann; *Histoire de la philosophie*, de Tennemann; *Histoire de la philosophie ancienne*, de Ritter; e, finalmente, as *Lições* de Victor Cousin (curso de 1828 e 1829). Tambem

são citados, mas de passagem, os escriptos de Buhle e de Gérando. A *Historia comparada dos systemas de philosophia*, d'este ultimo, é caracterisada de clara, elegante, methodica; mas inferior, em erudição, aos progressos recentes da sciencia historica, e tendente a sacrificar todas as questões á da origem das idéas. (Veja-se *Manuel de philosophie*, por Amédée Jacques, Jules Simon, Emile Saisset).

É chegada a occasião, depois d'estes preliminares, de tomar nota do grande serviço que a historia da philosophia presta á sciencia philosophica.

O sr. Janet fez uma observação muito engenhosa, que lança grande luz sobre a especialidade que ora tocámos. Na philosophia não succede como nas demais sciencias. Cada nova eschola, persuadida de que attingiu a verdade, é intolerante para com as suas predecessoras, e até para com as escholas rivaes. Na philosophia não ha tradições, nem herança; ha estabelecimentos successivos de conquistadores, expulsos e substituidos uns pelos outros, á maneira dos antigos imperios da Asia, sem que nenhum d'elles consiga fundar um imperio definitivo. «Assim, Descartes parece deslembrar-se de que algum philosopho o precedesse, pois que não conta com Platão, nem com Aristoteles, nem com a edade média. Locke, Condillac, e toda a philosophia sensualista do seculo XVIII, não se mostram menos exclusivos a respeito do cartesianismo, do que Descartes se mostrára para com a philosophia antiga. A timida e modesta eschola escoceza manifesta egual desdem para com o passado, e crê que antes d'ella foi completamente ignorada a existencia do espirito humano.»

Será acaso racional, justo e vantajoso um tal methodo? Não; porque o novo systema, ao derribar aquelle que o precedeu, suffoca as verdades que porventura descobrira o anterior.

Exemplifiquemos este enunciado. A *dúvida methodica* de Descartes (*Le doute méthodique* — scepticismo voluntario e reflectido) é um excellente elemento para todos os systemas; a analyse dos erros dos sentidos e da imaginação é tão verdadeira para Helvetius como para Malebranche; os sentimentos moraes foram analysados pelos escocezes de um modo que todas as escholas podem admittir. O mesmo póde dizer-se do methodo inductivo, de Bacon; da theoria da linguagem, de Locke e Condillac; da theoria do habito, de Maine de Biran.

Haverá algum remedio contra a intolerancia que suffoca as verdades parciaes de qualquer systema? Sim; a historia da philosophia tem á sua conta operar a necessaria conciliação, e estabelecer uma tradição continuada, dando assim occasião a perceber-se que em todas as escholas haverá que aproveitar.

Seria offender a penetração dos leitores notar-lhes que um tal trabalho, essencialmente historico, não é o mesmo que o eclectismo. Este ultimo é o effeito, o resultado benefico da historia da philosophia, e não póde por modo algum confundir-se com ella.

O eclectismo póde ser considerado ou como methodo, ou como systema.

No primeiro aspecto, importa o mesmo que uma disposição para encarar sem repugnancia os diversos systemas de philosophia e os auctores d'elles — disposição liberal e illustrada, que assenta na convicção de que em todos esses systemas póde haver uma particula de verdade, e de que todos os philosophos, todos os pensadores dos tempos antigos e dos tempos modernos, são outros tantos irmãos em espirito. E não se receie que o methodo eclectico degenere jámais no indifferentismo ou no scepticismo! Tambem na politica e na religião, uma tolerancia discreta não poderá jámais considerar-se como devendo inevitavelmente produzir aquellas duas aberrações.

Como systema, é o eclectismo um degrau necessario da philosophia, por quanto aproveita, com reflectida escolha, tudo quanto de bom e verdadeiro julga ter encontrado nos precedentes systemas, e ainda nos systemas rivaes.

Quando M. Taine, ao fallar de Cousin, caracterisa o eclectismo d'este pensador, como sendo a *philosophia de um curioso*, afigura-se-me ser demasiadamente severo, e até menos justo. O eclectismo presuppõe necessariamente o conhecimento da historia da philosophia e a apreciação profunda das doutrinas diversas, dando em resultado uma escolha apurada e reflectida. O eclectismo examina primeiramente o que as diversas escholas foram successivamente legando, e depois emprega uma critica severa para distinguir o verdadeiro do falso e coordenar um systema. Não é eclectico em philosophia quem o quer ser, senão um espirito superior. (Não obstante esta apreciação, veja *Les philosophes français du* XIX.e *siècle*, por M. H. Taine).

Está assignalada a difficuldade do eclectismo como systema, e de envolta está tambem assignalado o defeito em que necessariamente labora como tal.

O eclectismo pretende conciliar todas as verdades; mas, como avisadamente diz o citado sr. Janet, para conciliar tudo, é necessario saber tudo; para encadear todas as verdades, seria indispensavel estar collocado no centro da propria verdade. — O espirito humano não chega a tamanha altura!

Condemnaremos, pois, o eclectismo? Não. Encerral-o-hemos nos limites da boa razão, «para que sómente aspire a recolher todas as verdades, venham ellas d'onde vierem... para comprehender o maior numero possivel de coisas, e para acertar o maior numero de vezes possivel.» (Afóra o escripto, já citado, de M. Paul Janet, veja-se *Premiers mélanges philosophiques*, de Jouffroy).

Não me propuz a tratar *ex-professo* um assumpto de tamanha elevação; faltam-me para tanto os indispensaveis cabedaes: quiz apenas chamar sobre elle a attenção das pessoas curiosas, e apontar-lhes as fontes onde podem beber larga doutrina. Aos doutos é desnecessario o pouco que disse; ao commum dos leitores, que ainda, como eu, necessitam de aprender, poderão ser de alguma utilidade as breves indicações que ficam exaradas.

José Silvestre Ribeiro.

GELLERT

(Vid. pag. 124)

II

Dissemos que iamos agora apreciar alguns dos bellos quadros de Gellert. Vejamol-os. O poeta defende os pequenos e humildes:

O CAVALLO DE RAÇA

«Um cavallo de raça apurada viu certo dia um cavallo do campo que puxava uma charrua e olhou-o com altivez.

« — Quando terás o meu garbo? dizia o primeiro em frente do segundo, relinchando soberbamente. Quando parará diante de ti a multidão para te admirar a figura?

« — Cala-te, respondeu o cavallo do campo, e deixa-me socegado, pois se eu não cultivasse este campo com o meu suor, acaso terias a aveia que te engorda para contorneares com tanto orgulho?

«Vós que desprezaes os pequenos e humildes, illustres preguiçosos, sabei que as vossas pretenções orgulhosas e a vossa chamada superioridade só tem por base o trabalho. Pois os que vos alimentam com o seu labor são porventura dignos de desprezo? Supponde que revelaes diversa e mais esmerada educação; isso não vos dá o direito de serdes soberbos; pois se tivesseis nascido nas suas cabanas serieis como elles,

e se elles fossem educados como vós seriam como sois, e talvez muito superiores.

«O mundo passa bem sem vós, mas não póde passar sem elles.»

No fundo dos seus apologos ha sempre jovialidade:

TILL, O TRAVÊSSO

«O louco, que ás vezes mostrava mais juizo do que os que o ridiculisavam, e talvez escolhesse o emprego de bobo para tornar os outros mais sisudos, Till Eulenspiegel (quem não conhece este nome celebre?) viajava um dia por montes e valles com um bando de companheiros.

«Quando chegava a qualquer montanha, descia-a Till mui devagar, triste e encostando-se ao cajado; pelo contrario, quando se tratava de subir uma encosta, Till mostrava-se alegre e ligeiro.

« — Por que pareces tão alegre na subida e tão triste na descida? lhe perguntavam os companheiros.

« — É natural em mim, respondia Till. Quando desço, penso, como louco que sou, na montanha que ha de vir, e a alegria deixa-me; quando subo, penso no proximo valle, e então fico mais animoso.

«Se não queres entregar-te com excesso á prosperidade, nem desesperar-te com os golpes da adversidade, imita a prudencia de Eulenspiegel. Pensa, pois, na felicidade quando a adversidade te humilhar, e lembra-te da desgraça quando a fortuna te favorecer.»

Nos escriptos de Gellert não faltava graça, como se vê nos trechos seguintes:

O PAE MORIBUNDO

«Um pae deixava dois herdeiros: Christovão, que era moço instruido, e Jorge, que era ignorante. Chegada a sua ultima hora, e antes de se partir d'este mundo, procurou com olhares inquietos o seu prezado Christovão.

« — Meu filho, disse-lhe, afflige-me um triste pensamento. Tens intelligencia, mas depois da minha morte não sei como poderás viver. Tenho n'aquelle armario, accrescentou, uma pequena caixa com joias. São para ti. Toma-as, meu filho, e não dês nada a teu irmão.

«Christovão ficou attonito e calado por algum tempo. Por fim replicou:

« — Meu pae, se me daes tudo, como é que meu irmão poderá viver e prosperar?

« — Teu irmão! interrompeu o moribundo. Não levo pena d'elle. Como é ignorante, não lhe faltarão meios para caminhar pelo mundo, e tambem não lhe faltará quem o proteja.»

O USURARIO

«Conseguíra um usurario accumular consideravel riqueza, não por meio de fraudes e injustiças (porque muitas vezes as combatia), mas com o auxilio da Providencia; e para que Deus reconhecesse a sua gratidão, que de certo esperava lhe fosse retribuida com usura, mandou construir um hospital para os pobres.

«Em quanto o edificio se levantava e o fundador ia vigiar as obras, pensando com os botões no serviço que prestava a Deus e aos pobres, um de seus amigos, que era homem engraçado, foi visital-o ao sitio onde se fazia a edificação. O avaro, que se não cançava de mostrar e exaltar a sua obra, para lh'a admirarem, perguntou ao indicado amigo, com certo modo jovial, se a casa seria bastante grande para os pobres.

« — Creio que sim, respondeu o amigo; deve ter accommodações para muitas pessoas; mas, se deres logar a todos aquelles que tens arruinado, por certo que será infinitamente pequena.»

Outras vezes, Gellert dava uma lição aos pedantes, que n'aquelle tempo abundavam na Allemanha, como ainda hoje apparecem alli e em outras nações, porque hão de existir sempre; ou então apresentava um exemplo de moralidade para combater os usos do tempo:

OS DOIS GUARDAS

«Dois vigias ou guardas nocturnos da cidade perseguiam-se sem piedade nem tregoa em todas as vendas de aguardente ou de cerveja, onde um encontrava o outro. Não faltavam pragas nem improperios. Offendiam-se a cada passo e desabridamente. Se um carecia de accender o cachimbo com um cavaco, o outro buscava não se servir do mesmo cavaco. Passaram em breve a exercitarem-se nas vinganças e nas injurias que um inimigo figadal póde inventar contra outro inimigo. A final, já um pedia a Deus para sobreviver ao outro, porque ainda queria insultal-o depois de morto.

«Procurava-se adivinhar, mas por muito tempo se ignorou, a causa de tal inimizade.

«Tendo apparecido esta rixa nos tribunaes, passados muitos annos, soube-se a origem de tão implacavel odio. Qual era pois? A inveja da classe? Não. Mas um soltava o seu grito nocturno: —*Vigiae* o fogo e as luzes!— O outro não repetia o mesmo, porque o seu canto era: —*Tomae cuidado* com o fogo e as luzes!— E esta differença no grito de vigilancia é que dava causa ás injurias, ao odio, ás rixas continuadas e á vingança.

« — Pois então os guardas nocturnos tinham continuadas pendencias por similhante bagatela? dirão muitas pessoas. Era uma insigne loucura!

« — Não censureis d'esse modo, senhores, porque póde succeder-vos alguma desgraça. Não conheceis alguns sabios, e dos mais distinctos, que nas suas controversias litterarias se tem injuriado com sanha maior por causa de insignificantes syllabas?»

O moralista allemão fulmina a venalidade no funccionario publico:

O MOÇO PRETENDENTE

«Um mancebo que desejava entrar na vida publica pedia a um homem influente que lhe alcançasse certo emprego vago, e para isso lhe deu um memorial. O protector leu-o e mostrou interesse em tratar da pretenção.

« — Lastimo, disse apertando-lhe affectuosamente a mão, lastimo não o ter conhecido ha mais tempo, porque aprecio e honro o merito. É digno do emprego que deseja.

«Conversou algum tempo com o pretendente, e parecia que o encantava a conversação. O mancebo revelava intelligencia e estudo. — É, pensava o protector, um homem que póde adiantar-se muito, desempenhar funcções elevadas, pois saberá dirigir outras pessoas.

« — Como já o conheço bem, disse o protector, conte com o emprego.

«E, dizendo isto, acompanhou o mancebo até á porta da escada. No ultimo adeus, o moço pretendente lembrou-se de offerecer dinheiro ao protector, na supposição de que assim ficava mais seguro o promettimento.

« — Não acceito, disse o honrado protector, porque o emprego não lhe será dado. Tem mau caracter. Quem offerece dinheiro é tambem capaz de acceital-o.

«E fechou-lhe a porta.»

Devemos observar que Gellert não se apresenta misanthropo nem desalentado; deseja corrigir os defeitos do proximo, porém sempre com estilo ameno e jovial:

O ESPIRITO DE CONTRADICÇÃO

«Entre as boas qualidades que se notavam em Isabel havia um grave defeito. Contradizia tudo, o que, segundo parece, é proprio do sexo fragil. Mas ainda

quando o universo inteiro o assegure milhares de vezes, não acreditarei tal coisa, e continuarei dizendo publicamente que é pêta. Conheço muitas mulheres; tenho-as observado com particular attenção; de algumas exaltei a belleza, quando estava averiguado que eram extremamente feias, com o desejo de ver o que d'ahi resultaria; mas, a final, nenhuma me contradisse. Supponho, portanto, menos exacto que em todas haja espirito de contradicção. Vêde, ó bellas, como vos calumniam!

«Tratemos, porém, de Isabel. Esta não podia calumniar-se, porque a contradicção era o seu principal defeito.

«Estava um dia á mesa com seu marido. No meio de outros pratos veiu peixe cozido. Cremos que era um lucio.

« — Meu amor, disse o marido, meu amor, é possivel que me engane, mas, com franqueza, parece-me que o peixe não está bem cozido.

« — Estava adivinhando isso, responde a mulher.



O espirito de contradicção — Gravura copiada das obras illustradas de Gellert

Vejo que sempre tem occasião para se enfadar com sua pobre mulher. Posso, comtudo, assegurar-lhe que o peixe está bem cozido.

« — Não vale a pena, amiguinha, discutirmos por uma coisa tão frivola!

«Mas a mulher exalta-se ouvindo fallar assim seu marido. Ha um animal que se enfurece quando lhe mostram algum estofo encarnado; as azas eriçam-se-lhe, as pennas tornam-se-lhe hirtas, e solta lastimosos gritos: assim estava Isabel n'aquelle momento; o seu rosto, pallido quasi sempre, tornou-se vermelho; as veias incharam-lhe; os olhos parecia saltarem-lhe das orbitas; a barba e o nariz dilataram-se-lhe; os labios arroxearam-se-lhe; e os cabellos, encrespando-se-lhe, perderam o brilho. Passados alguns segundos, exclamou com voz trémula de raiva:

« — É sua mulher que lh'o affirma: o peixe está cozido em boa conta.

«E, tomando o copo, esgotou o vinho. Fossem lá dizer-lhe n'aquelle momento que não bebesse!

«O marido levantou-se sem proferir palavra. Logo que o marido saiu, Isabel sentiu-se doente. Nem podia deixar de ser. Bebêra vinho quando estava mais irada e fizera-lhe mal.

«A casa parecia-lhe que se voltava de cima para baixo. Desapertam-lhe o vestido, apresentam-lhe saes, esfregam-lhe as fontes; nada se obtem; não dá signal de vida.

«Chamam o marido, que se apresenta sem demora e exclama:

« — Minha alma, mulher do meu coração, morres. Sou muito infeliz! Que fiz? para que havia de contradizer-te, pobre mulher?... Maldito peixe!... Tu sabias que não estava bem cozido...

«A estas palavras, Isabel tornou a si.

« — Estava bem cozido, já t'o disse! Pois ainda não te dás por convencido? É demais...

«Vê-se, portanto, que o espirito de contradicção foi mais energico que os mais fortes reactivos que lhe apresentaram para a tornar á vida.»

(Continúa)

MOSTEIRO DE S. JOÃO DAS VINHAS

(Conclusão. Vid. pag. 113)

Eram passados apenas vinte annos depois que os monges de S. João das Vinhas tinham conseguido salvar o seu mosteiro da demolição a que havia sido condemnado, quando a guerra civil, atiçada por odios religiosos, veiu assolar o venerando monumento de arte gothica.

Correndo o anno de 1567, em que mais encarniçada andava a lucta entre os catholicos e os sectarios dos erros de Calvino, em França denominados huguenotes, pozeram estes ultimos apertado cêrco á cidade e praça de Soissons. Defenderam-n'a galhardamente os que n'ella mantinham a auctoridade del-rei Carlos IX; mas a final foram obrigados a renderem-se ao esforço dos sitiadores. Foi uma scena horrorosa a entrada dos huguenotes na cidade. O seu rancor e sêde de vingança não se exerceram unicamente contra os que lhes disputaram a victoria; foram cevar-se, principalmente, nos frades, seus inimigos irreconciliaveis, e até nos proprios edificios dos conventos.

O mosteiro de S. João das Vinhas foi vandalicamente devastado. Os vasos sagrados, paramentos e mais alfaias foram roubados; as santas imagens, a bibliotheca e o archivo foram dispersos ou entregues ás chammas; o incendio ou o camartello fez do mosteiro ruinas, reduzindo a simples paredes uma boa parte do templo, dos claustros, do refeitorio, dos dormitorios e hospedarias. Os sinos foram fundidos, e a egreja, profanada com inauditas torpezas, foi transformada em cavallariça.

Entre as obras de primor artistico que se perderam n'esta fatal destruição, contava-se o altar-mór, de talha relevada e doirada.

Acabou temporariamente aquella guerra religiosa com a horrivel matança dos huguenotes em Paris, e em toda a França, no dia 24 de agosto de 1572. Não tardaram os monges de S. João das Vinhas a metter hombros á reedificação do seu mosteiro. Os estragos, porém, eram taes, que, apesar da riqueza da ordem, e das muitas diligencias e avultados meios que applicou para esta restauração, só por meiados do seculo seguinte se poz o remate a esta grande obra.

Entretanto, os dias de desventura não eram ainda todos passados para o mosteiro de S. João das Vinhas. Estava-lhe destinada nova e maior catastrophe, porque esta foi irremediavel. A revolução que destruiu a monarchia de S. Luiz, mudando ao mesmo tempo os destinos da França, pesou com mão inexoravel e vandalica sobre o mosteiro de S. João das Vinhas.

Extinctas as ordens religiosas, aquelle mosteiro foi despojado immediatamente de todas as suas riquezas. A prata foi levada á casa da moeda para ser cunhada. Toda a obra de talha da egreja, que era magnifica, tanto os altares como as cadeiras do côro, foi arrancada e vendida. Egual sorte tiveram os paramentos e mais alfaias, os painéis, as imagens e os sinos. Mas não pararam aqui as devastações. Quando o delirio revolucionario se lembrou, em 1793, de abolir a religião catholica, substituindo-a pelo culto da razão, aquelle e outros mosteiros padeceram tão barbara destruição como se os assolára um terremoto.

Passada aquella vertigem, foi restabelecido o verdadeiro culto, mas nunca mais se pensou em reconstruir a egreja nem o edificio do mosteiro de S. João das Vinhas. D'aquella apenas se conservava de pé a frontaria com as suas bellas torres. Tudo o mais era um montão de ruinas. Do mosteiro jazia por terra uma parte dos seus claustros e de outras obras de merecimento artistico.

Achava-se, pois, o edificio n'este estado, quando o governo francez contratou a demolição da egreja, com excepção de toda a frontaria, que foi mandada conservar, entregando o preço da venda dos materiaes ao bispo de Soissons para as despezas da fabrica da sua cathedral.

Em 1839, desenvolvendo-se em França, de anno para anno cada vez mais, o desvelo pela conservação dos monumentos, tanto por parte dos poderes publicos, como por parte das associações particulares, foi consignada pelo governo uma quantia avultada para a conservação da fachada da egreja, e das ruinas dos claustros e de outras officinas do mosteiro, notaveis pela sua architectura, sendo encarregada da superintendencia das obras a commissão archeologica de Soissons.

A gravura que publicámos a pag. 113 mostra os restos mais sumptuosos do antigo mosteiro de Soissons. As altas e brincadas torres da frontaria do templo, que se erguem magestosamente por detraz dos lanços desmoronados do claustro principal; e a galeria d'este, que escapou á brutalidade dos homens e á acção do tempo, dão claro testimunho da magnificencia e esplendor de outr'ora do soberbo mosteiro benedictino.

A fachada tem tres porticos, ornamentados com variadas esculpturas e com estatuas de singular perfeição. As torres, além do seu porte esbelto, ostentam ricas decorações, e tambem algumas estatuas excellentes. Foi construida esta frontaria, como o fôra o resto do templo, segundo o estilo gothico puro, não obstante ter a architectura passado por variadas modificações no longo periodo em que se fabricaram as differentes partes da egreja.

O claustro principal, representado em a nossa gravura, é obra do seculo XIV. As suas arcadas são elegantes, mas singelas. Não apresentam aquella prodigalidade de ornamentações que distinguiu a architectura gothica na sua decadencia, que assim se póde chamar ao periodo da transição d'este estilo para o do renascimento. Exceptuando os capiteis das columnas, que são lavrados de folhagens, não se encontram alli mais lavores na cantaria.

Ficava contiguo e communicava este claustro com a egreja, com a casa do capitulo e refeitorio. Dos seus quatro lanços, só dois existem cobertos de abobada; mas nenhum d'elles escapou incolume á furia da tormenta que derrocou os outros. A linda fonte que ornava o centro do terreiro, outr'ora jardim, está feita pedaços.

O refeitorio foi mais bem preservado de ruina. Era uma das mais bellas officinas do mosteiro, pela sua grandeza, pelas bonitas janellas e oculos que lhe transmittem abundante luz, e pelas pinturas a fresco que lhe decoram as paredes. Desde o referido anno de 1839 acha-se convenientemente resguardado de novas injurias do tempo ou dos homens.

Além do claustro principal, tinha o mosteiro outro mais pequeno, porém não menos apreciavel como um gracioso specimen da architectura do renascimento, no primeiro periodo da sua existencia, em que a riqueza da ornamentação se casava perfeitamente com a belleza dos lavores e com o bom gosto na sua dis-

tribuição. Este claustro ainda se conserva, posto que bastantemente estragado.

Vêem os nossos leitores, pelo que deixâmos referido, como em França se cuida da conservação dos monumentos historicos e artisticos. Em quanto alli se leva o respeito e amor das antiguidades a ponto de se amparar e resguardar com incrivel zelo e desvelo quaesquer ruinas em que se leia uma tradição historica, e nas quaes a arte deixasse gravada alguma das suas feições, entre nós abandonam-se, entregam-se ao mais culpavel esquecimento, quasi que se votam ao desprezo monumentos taes como o convento de Christo em Thomar, tão rico de arte e de memorias historicas!

Aquelle zelo e desvelo dão a medida do subido grau de civilisação a que tem chegado o povo francez. Infelizmente, a nossa incuria e desleixo revelam manifestamente a distancia que nos separa d'aquella nação na escala dos progressos e aperfeiçoamentos da humanidade.

I. de Vilhena Barbosa.

ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 127)

IV

Abaixo dos gregos, a população christã mais consideravel do imperio ottomano é a dos armenios; conta, segundo nos diz um dos seus principes, membro de uma das familias mais consideradas entre elles [1], 3.400:000 almas. População pacifica e sem grandes aspirações de nacionalidade, é, comtudo, incapaz de se confundir com as outras raças, e n'isso, como em muitos pontos do seu caracter, tem uma notavel similhança com os hebreus. Não é d'esta nacionalidade que ha de vir um perigo qualquer para o imperio ottomano. Completamente indifferentes em questões de politica, os armenios contentam-se em possuirem grande parte das riquezas do imperio; em serem os depositarios do commercio e da industria; em occuparem altos cargos na administração; e em terem segura a liberdade da sua egreja, que é uma das egrejas independentes em que se fracciona o christianismo. Julgam, comtudo, que, pelo facto de tomarem parte na administração do imperio, se deva considerar a sua raça unida, pelo interesse ao menos, ao governo musulmano? De modo nenhum; os individuos servem o estado, mas a nacionalidade subsiste: governa-se a si por meio de um conselho de notaveis residente em Constantinopla, com ramificações nas provincias; paga os seus tributos ao sultão; cumpre, em fim, os deveres inseparaveis da vassallagem, mas no mais fórma uma especie de *statum in statu*, que seria completamente inconciliavel com a existencia de uma nacionalidade devéras predominante em toda a extensão do imperio.

A nacionalidade slava, mais pacifica depois que o paiz onde estava especialmente concentrada, a Servia, se desmembrou para sempre do imperio ottomano, não deixa, comtudo, de dar signal de existencia na Bosnia e na Bulgaria, principalmente agora, que a idéa do panslavismo agita todos esses povos irmãos. Apesar d'essa nacionalidade não ser revoltosa e impaciente como a grega, não deixa, comtudo, de residir n'ella o perigo mais serio que ameaça a Turquia. Effectivamente, o panslavismo está sendo actualmente o programma da Russia, e Deus sabe que elasticidade o gabinete de S. Petersburgo tenciona dar a essa palavra já de si tão elastica.

Effectivamente, o principio das nacionalidades, principio santo em si, quando são os povos que o invocam, tem servido de pretexto ás violencias menos disfarçadas dos governos ambiciosos. A communidade de raça não póde ser o unico laço d'essas grandes familias que se chamam nações; ha milhares de conveniencias politicas e geographicas que podem dividir essas agglomerações, que seriam muitas vezes enormes n'um grande numero de paizes, como muitas vezes associam povos de differente raça á sombra da influencia salutar de uma raça legitimamente predominante. Comtudo, esse principio geralmente sympathico vae dando um moto deslumbrante ás bandeiras das phalanges conquistadoras. Quantas violencias não legitimou o principio do pangermanismo? quantas violencias não irá legitimar o panslavismo, tão apregoado agora? N'esse congresso de Moscow, aonde foram chamados os representantes de todas as familias slavas, indicou-se sem disfarce a intenção da Russia. Entre os ornatos das salas do banquete fraternal figuravam as vistas das cidades slavas, Moscow, Kiew, Praga, Leopol, Belgrado, *Constantinopla* [1]! Constantinopla, a velha Byzancio grega, transformada em cidade slava!! É tirar muito depressa a mascara de defensor das nacionalidades para mostrar o já tão conhecido rosto do executor testamentario de Pedro o Grande.

Esta pretenção da Russia de ser o nucleo do panslavismo é absolutamente infundada. A Russia, nação asiatica, não tomou laivos slavos senão pelas suas conquistas successivas sobre a Polonia, como o demonstrou, com grande abundancia de razões geographicas, ethnographicas e historicas, o publicista francez Elias Regnault n'um livro celebre [2]; mas, em todo o caso, com razão ou sem ella, fez-se defensora de um principio, e, por mais que a Turquia procure entrar na communhão européa, que principio ha de oppor a essa propaganda panslavista que ameaça inundal-a? A Austria, que foi chamada outr'ora por alguns publicistas uma Turquia christã, quando o principio das duas unidades, germanica e italiana, lhe deu agora um tão profundo abalo, amparou-se resolutamente na Hungria, e essa nacionalidade vigorosa, essa heroica nobreza maggyar, exaltada com o pensamento de recobrar o seu rei, e tão dedicada como no tempo em que bradava com enthusiasmo: *Moriamur pro rege nostro Maria Thereza*, agrupou-se em torno da dynastia, e renovou com a sua seiva sempre juvenil o tronco lanhado pela secure rigida do conde de Bismark.

Porém a Turquia, atacada pela Russia, não já sob futeis pretextos, mas em nome de uma nacionalidade que effectivamente espera da Russia a emancipação, para onde se ha de voltar, ella que não vê dentro de si mais do que nacionalidades hostis? A energia bellica d'esses ottomanos acampados na Europa ha muito que pereceu, e, ainda que subsistisse, de nada valeria n'uma guerra moderna e contra as forças colossaes do imperio da Russia. Irá de novo o Occidente amparar esse baluarte vacillante? Podêmos duvidar que seja tão feliz como em 1855. As populações christãs da Turquia já sabem que entra na politica occidental não lhes permittir nunca uma existencia independente; a Grecia está fazendo agora d'isso mesmo dolorosa e talvez ultima experiencia. Ora, como as nações que anceiam pela liberdade recebem-n'a de qualquer mão, como o preso n'uma masmorra não quer mesmo saber quem lhe proporciona ensejo para evadir-se, segue-se que, no momento em que um exercito russo apparecer no Danubio proclamando-se defensor do principio das nacionalidades, um immenso grito de sympathia lhe responderá, repercutindo-se dos Balkans ao Œta, e o imperio musulmano desconjuntar-se-ha, em fim, com todas as consequencias que póde ter essa catastrophe sendo produzida por intervenção da Russia.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

[1] O principe Mek-B-Dadian — *Revista dos dois mundos*, tomo LXVII, 2.º periodo (15 de junho de 1867). — *La société arménienne contemporaine.*

[1] Julian Klaczko — *Le congrès de Moscow et la propagande panslaviste.* — *Revista dos dois mundos*, tomo LXXI, 2.º periodo (1 de setembro de 1867), pag. 156.

[2] *La question europ'enne improprement appel'e polonaise.* Paris, 1863.

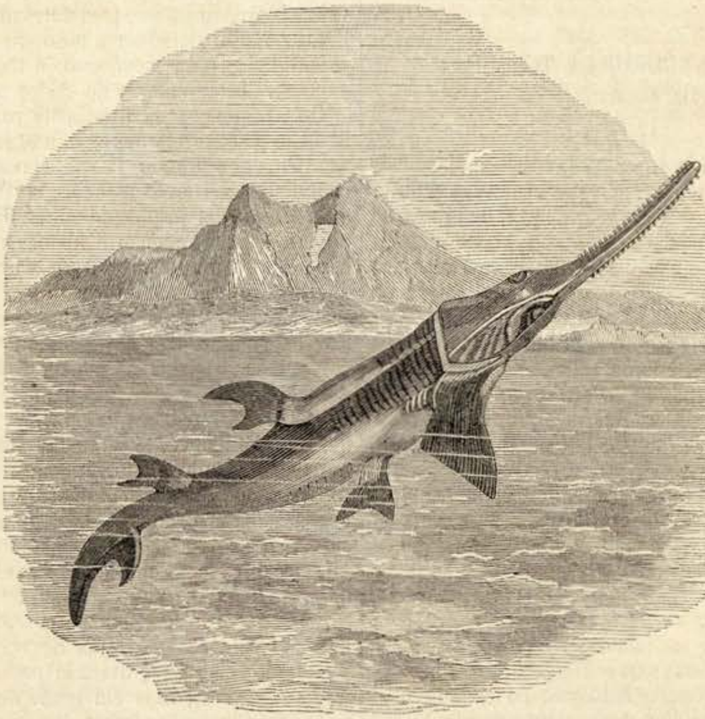
PEIXE ESPADARTE

É este peixe um dos grandes habitantes do Oceano, pois que o seu comprimento chega a ser de quatro a cinco metros. Collocam-n'o os naturalistas na classe dos squalos, na familia das lixas ou cações, e no genero *pristis*, de que é typo.

Linneo denominou-o *squalus pristis*. Depois, o naturalista M. Latham deu-lhe o nome de *pristis antiquorum*, que foi adoptado.

Espadarte ou *peixe serra* é o nome por que é geralmente conhecido na Europa. No Brasil, porém, chamam-lhe *araguagua*.

Tem o corpo mui comprido e proporcionalmente pouco grosso. Na parte superior é de côr cinzenta escura, quasi negra sobre a espinha dorsal, passando nos lados a cinzenta clara, até acabar em branca no ventre. Não tem escamas este peixe, mas a sua pelle é coberta de pequenos tuberculos, que a fazem mui aspera. Tem as barbatanas peitoraes muito compridas e as dorsaes curtas. A cabeça é achatada; os olhos são pequenos; a boca é quasi circular e guarnecida de dentes concavos, mui bastos e tão juntos uns aos outros, que parece um pedaço de pavimento todo eriçado de grossos espinhos. Porém o que faz mais notavel este peixe, e lhe dá uma feição particular, é o prolongamento do focinho, de materia ossea, e assimilhando-se no feitio a uma espada de folha larga e comprida, e com mais propriedade a uma serra, porque a guarnecem de cada lado vinte dentes grandes, osseos e ponteagudos, dispostos symetricamente em opposição uns aos outros, e com intervallos eguaes entre si. A mesma pelle do peixe cobre todo este prolongamento do focinho, cuja extremidade é arredondada e desprovida de dentes. Regula o seu comprimento pela terça parte do corpo do peixe.



Espadarte ou peixe serra

Possuimos duas espadas de espadarte: uma com pouco mais de um metro de comprido; a outra com vinte centimetros de comprimento. A primeira, muito inferior ás dos espadartes que attingem o seu maior desenvolvimento, tem os dentes da largura de um dedo na base. A segunda, pertencente a um espadarte pequenino, tem os dentes tão finos e agudos como o mais delicado pente, com a differença de serem mui rijos e de modo algum flexiveis.

D'esta arma proveiu ao peixe os dois nomes vulgares de espadarte e peixe serra, por que é conhecido.

Habita o espadarte em quasi todos os mares dos dois hemispherios. São pouco conhecidos os seus costumes; entretanto, não se póde suppor que sejam brandos e inoffensivos, attendendo-se á terrivel arma com que a natureza o dotou.

Referem os naturalistas antigos, e alguns modernos tambem asseveram, que o espadarte, movido por uma implacavel antipathia, faz cruel e porfiosa guerra á baleia. Dizem que apenas se encontram tão figadaes inimigos, o espadarte investe a baleia com incrivel furia. Debalde se põe em guarda este gigante dos mares, dispondo-se, logo que avista o seu adversario, para o supplantar e destruir, descarregando sobre elle com toda a força o peso enorme da sua cauda descommunal. O espadarte, valendo-se da sua muita agilidade, e sabendo tirar todo o partido da difficuldade com que a baleia executa os seus movimentos, arremette contra ella tão de improviso, e com tal presteza lhe rasga o ventre ou o dorso com os aguçados dentes da sua espada, fugindo instantaneamente, para voltar logo depois ao ataque com a mesma violencia e destreza, que a final acaba por alcançar completo triumpho. A baleia, fatigada pelos movimentos desesperados a que a obriga em vão a tenacidade e rapidez dos ataques do seu inimigo; exhausta de forças, e com as carnes por todo o corpo dilaceradas, morre infallivelmente envolta em um mar de sangue.

Contam os maritimos que acontece algumas vezes accommetter o espadarte o casco de um navio com tamanho impeto e vigor, que, não tendo forro de cobre, e acertando na juntura das taboas, chega a fural-o, quebrando, n'esse caso, a sua arma, cuja ponta fica presa no costado do navio, como despojo de tão grande atrevimento.

I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31